



Por uma abordagem integrativa entre Antoine Hennion e Pierre Bourdieu: Debates Iniciais

Arthur Lopes Azevedo – arthurlopes_93@hotmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Letícia Dias Fantinel – leticiafantinel@gmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Palavras-chave: Gosto, Práticas, Capitais, Bourdieu, Hennion

1. Introdução

Nossas áreas de interesse no campo dos estudos organizacionais têm sido variadas nos últimos anos, sendo diversos os aportes teóricos com os quais temos nos identificado, ou, que tem “caído no nosso gosto”. Curiosamente, dentre eles está justamente o do gosto, uma temática emergente neste campo e que tem sido abordada por diversos prismas (Gardiner, 2019). Ao mapear tal área, Gardner (2019) identifica que seu caráter multifacetado envolve quatro principais correntes teóricas, cada uma com seus expoentes, que servem como ponto de partida para o debate. Há a do gosto associado à subjetividade, que tem em Immanuel Kant seu principal aporte teórico, que por sua vez influenciou Hannah Arendt a promover um debate sobre gosto associado à intersubjetividade (Gardiner, 2019). Além destas, há também a corrente bourdiesiana, altamente influente nos últimos anos e que discute o gosto a partir das ideias de distinção propostas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, e, por fim, a corrente do gosto como prática, uma abordagem pragmática que tem em Antoine Hennion seu principal expoente (Gardiner, 2019).

Esta última tem sido o ponto de partida das nossas discussões e produções mais recentes, e temos tido a oportunidade de debatê-las em congressos e grupos de pesquisas, nos rendendo contribuições valorosas e louváveis para o desenvolvimento de pesquisas futuras. Contribuições essas que trazem consigo alguns desafios, como por exemplo: como abordar Pierre Bourdieu? Apesar de ser o expoente de apenas uma das quatro correntes teóricas apontadas em Gardiner (2019), sua teoria estética tem um impacto significativo nos estudos do gosto (Hanquinet; Roose & Savage, 2014) e traz contribuições que, em nosso entendimento, permitem problematizar de forma mais aprofundada alguns pontos de nossos achados até aqui, como por exemplo, as distinções que operam a partir dos desafetos emergentes da relação de “ser afetado” pelo objeto do gosto e das práticas sociais de apreciação do mesmo. Observamos a emergência desta problematização mais especificamente ao promover uma pesquisa sobre gosto e rock n roll music, em que inclusive evidenciamos a necessidade de discutir as variadas relações assimétricas de força que operam a nível social nos campos do “estilo rock” capixaba. Com tal exemplo, talvez tenhamos começado a te convencer de que, de fato, trazer Pierre Bourdieu para nosso debate é algo válido, ou, até mesmo, necessário. Mas por que então tratamos isto como um desafio?

Isto passa diretamente pela forma como Antoine Hennion constrói sua abordagem, pois o faz a partir das críticas ao caráter objetivista que Bordieu atribui ao gosto (Hennion, 2007;

Hennion, 2008). Mesmo em uma rápida leitura dos textos do autor, é possível perceber que este não se furta de articular uma série de críticas à abordagem bourdiesiana do gosto, nos deixando com uma incompatibilidade evidente entre as duas abordagens e nos rendendo uma grande “dor de cabeça” teórica, em que parecemos estar montando um quebra cabeça com peças de dois conjuntos diferentes.

Ainda assim, acreditamos ser possível identificar pontos de tangência que permitam, de fato, encontrar as peças corretas para montar este quebra cabeças teóricas, sendo o desenvolvimento deste resumo expandido um esforço inicial para dar os primeiros passos em direção ao desenvolvimento de uma abordagem integrativa entre as teorias de formação do gosto de Pierre Bourdieu e Antoine Hennion. Com isso, acreditamos estar atendendo aos chamados de Hanquinet, Roose & Savage (2014), por trabalhos que atualizem as abordagens de Pierre Bourdieu, e de Gardiner (2019), que advoga em favor de uma aproximação entre a abordagem pragmática e bourdiesiana do gosto. Porém, optamos por seguir um caminho diferente do apontado pela autora, que propõe empreender tal desafio a partir do conceito bourdiesiano de *habitus*, sendo nossa proposta traçar tal aproximação ao questionar o solo ontológico de conceitos dos dois autores, uma vez que acreditamos ser possível encontrar pontos de tangência entre os capitais de Bourdieu e a sociologia do vínculo de Antoine Hennion via ontologia relacional. Trataremos desta aproximação a seguir.

2. Integração nas relações

A ontologia relacional destaca a emergência do organizar cotidiano como resultante das relacionalidades entre os diversos atores que integram as redes de práticas sociais (Latour, 2019), partindo assim de uma abordagem adualística no que tange a uma agência subjetiva/antropocêntrica ou objetivista/estrutural: o foco está nas imbricações, nos entreespaços que agregam os diversos agentes que operam no cotidiano (Cooper, 2005). É partindo deste entendimento que buscamos resgatar a teoria bourdiesiana e relacioná-la à abordagem pragmática do gosto.

Dada a relevância de Pierre Bourdieu para a “virada da prática” (Sieweke, 2014), suas contribuições teóricas são ainda significativas para os estudos organizacionais (Emirbayer & Johnson, 2008; Sieweke, 2014; Lyke, 2017; Gardiner, 2019; Hanquinet, Roose & Savage, 2014), e apesar de ter desenvolvido suas análises em um contexto modernista de ciência, o autor destaca que estas são como fotografias dos campos, imagens estáticas das condições nas quais os campos se encontram num dado momento, cabendo constante reavaliação dos mesmos para que se possa entender as relações e regras que lá operam em um dado momento histórico, indicando que tais estruturas são situadas (Bourdieu, 2014; Bourdieu, 2011; Hanquinet, Roose & Savage, 2014). Este já pode ser entendido como um ponto inicial de tangência com a abordagem pragmática do gosto: para Hennion (2007) e Gherardi (2009), a formação dos vínculos e do gosto se dá de forma situada e contextualizada (Paßmann & Schubert, 2020). Assim, apesar de Bourdieu (2014) destacar que há uma tendência de reprodução dessas estruturas dos campos via incorporação das mesmas nos indivíduos por meios da formação de seus *habitus*, ele mesmo destaca que estão sujeitas a transformações ao longo do tempo (Hanquinet, Roose & Savage, 2014; Bourdieu 2011; Bourdieu 2014).

Se pararmos para analisar o que discutimos até aqui, podemos observar dois conceitos que representam, respectivamente, os polos objetivista e subjetivista da teoria das práticas bourdiesiana: campo e *habitus* (Grenfell, 2018). Tais polos se afetam, uma co-construção que os coloca em constante movimento e transformação, havendo ainda um elemento em jogo: os capitais (Bourdieu, 2011), que é justamente o que mais nos interessa no momento. Se por um lado Certeau (1998) destaca o caráter objetivista das análises de Bourdieu, entendemos que seu

arcabouço teórico é de caráter relacional, ponto também levantado por Maton (2018), que destaca os movimentos operados nos entremeios das disposições dos indivíduos (seu *habitus*) e as *doxa*, regras tácitas dos campos que ele integra, como resultantes das dinâmicas dos capitais. O caráter intrinsecamente relacional destes (Emirbayer & Johnson, 2008) nos permite evidenciar as imbricações emergentes entre os elementos que compõem a teoria bourdieusiana das práticas, os entrelugares entre *habitus* e campo, destacando o organizar dos movimentos que lá ocorrem, nos aproximando assim da abordagem ontológica relacional destacada por Cooper (2005) e Latour (2019).

Podemos observar o interesse do próprio Bourdieu (2015) nesta dimensão relacional de sua teoria quando este analisa o processo de refinamento do campo das produções eruditas, em que o organizar dos movimentos que lá operam se dão numa dinâmica relacional em que a individualidade distintiva do artista encontra as de seus pares e daqueles que exercem alguma agência, seja ela apreciadora ou crítica, de sua produção simbólica e também as tendências estilísticas deste campo, entendimentos tácitos da operacionalização das práticas lá performadas. Evidencia-se assim um movimento de co-produção entre os elementos que integram tais práticas artísticas, em que o indivíduo acessa os capitais, conhecendo assim as tendências do campo, em um movimento de retroalimentação, em que ao desenvolver e expressar sua identidade, atua de forma a romper com as mesmas, instituindo novas tendências por meio de suas produções simbólicas (Bourdieu, 2015). Neste sentido, entendemos que a própria distinção que opera nestes campos é performada via relacionalidade.

Destacamos este ponto em particular pois acreditamos ser este um ponto de tangência com a abordagem pragmática do gosto de Antoine Hennion, em que há a formação de vínculos entre sujeito do gosto e objeto do gosto: o indivíduo descobre o objeto do gosto na medida em que este se deixa ser descoberto por ele. O encontro relacional dos dois leva o indivíduo a envolver-se em práticas de apreciação deste objeto (Hennion, 2007), e a formatividade deste gosto leva à sustentação social e refinamento destas práticas (Gherardi, 2009). Tal formatividade envolve aproximar-se dos vocábulos de uma comunidade que compartilha a apreciação por este objeto do gosto e desenvolver dentro desta uma identidade própria, resultando em um refinamento destas práticas associadas a tal objeto (Gherardi, 2009). Inclusive, para este sujeito amador, ou seja, aquele que ama o objeto do seu gosto (Hennion, 2007; Gherardi, 2009) envolver-se nestas práticas e desenvolver uma apreciação técnica e socialmente sustentada do mesmo torna-se uma fonte de prazer, como o amador de vinhos que muitas vezes pode buscar, voluntariamente, conhecimentos técnicos sobre as características e maneiras de degustá-los (Hennion, 2007).

Pensando a partir do solo ontológico relacional das teorias e conceitos até aqui apresentados, acreditamos ser possível traçar uma aproximação teórica entre o acesso a estas tecnicidades socialmente compartilhadas e sustentadas para apreciação do objeto do gosto (Hennion, 2007) via encontro relacional de sujeito e objeto e a proposta de capitais de Pierre Bourdieu, que dão o teor relacional que o mesmo destaca nos entremeios do organizar das relações *habitus*-campos. Se destacarmos concepção teórica de Bourdieu acerca do refinamento dos campos de produções eruditas, acreditamos que ele não se encontra ontologicamente tão distante do processo de refinamento das práticas associadas ao objeto do gosto, afinal, em ambas as abordagens há o compartilhamento de linguagens/tendências bem como a expressão da individualidade do sujeito a partir destas, resultando no refinamento destas práticas, novas maneiras de operar dentro destes campos. A seguir, algumas considerações sobre nossas articulações até aqui traçadas.

3. Considerações Finais

Desenvolvemos este resumo expandido como um esforço inicial em gerar iniciar um debate integrativo entre a abordagem bourdiesiana e a pragmática de gosto, um ponto desafiador levantado por Gardiner (2019), visto que a segunda abordagem articula críticas ao caráter objetivista que Pierre Bourdieu atribui à formação do gosto (Hennion, 2007; Hennion, 2008; Hennion & Muecke, 2016; Haynes & Nowak, 2021). Para empreender este desafio, nos filiamos ao chamado de Hanquinet, Roose & Savage (2014) por tentativas de atualizar as abordagens bourdiesianas, uma vez que as análises empreendidas pelo autor tem um caráter modernista, característico do período histórico em que foram feitas, cabendo ressaltar que o próprio autor previu essa necessidade de atualização (Bourdieu, 2011; Hanquinet, Roose &

Savage, 2014). Nossa proposta então foi repensar o solo ontológico da teoria das práticas bourdiesiana, trazendo não um debate polarizado entre objetivismo e subjetivismo, mas sim um debate relacional das imbricações situadas e contextualizadas que ocorrem nos entreespaços, tendo os capitais como elemento articulador. A organização e produção dos campos passa a ser entendida como um conjunto de relações em si, incluindo as relações de distinção.

Na perspectiva pragmática do gosto, reflexividade e relacionalidade são pontos de articulação centrais para a formação do gosto, visto que o vínculo entre sujeito e objeto do gosto é uma unidade de análise que emerge relacionalmente (Hennion, 2007), bem como o refinamento das práticas a ele associadas (Gherardi, 2009). Destacamos que esta atenção para os vínculos como uma co-produção, uma ação conjunta, é característica não somente do pragmatismo (Hennion & Muecke, 2016), mas também de uma relacionalidade ontológica (Martin, 2018). Assim, os vínculos podem ser também entendidos como relações em si (Hennion & Muecke, 2016).

Longe de encerrar estas discussões e cientes de que carece de maiores articulações e aprofundamento, entendemos que este é um ponto de partida que promove algum nível de aproximação entre estas abordagens, permitindo promover provocações para futuros debates que alinhem a distinção bourdiesiana e o gosto como prática.

4. Referências

Bourdieu, P. (2011). *A Distinção: Crítica social do julgamento*. Rio Grande do Sul: Editora Zouk.

Bourdieu, P. (2014). *A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Bourdieu, P. (2015). *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Certeau, M de. (1998). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

Cooper, R. (2005). Peripheral Vision: Relationality. *Organization Studies*, 26(11), 1689–1710.

Emirbayer, M., Johnson, V. (2008). Bourdieu and organizational analysis. *Theory and Society*, 37, 1–44.

Gardiner, R. A. (2019). Taste and Organization Studies. *Organization Studies*, 40(10), 1543–1555.

Gherardi, S. (2009). Practice? It's a Matter of Taste! *Management Learning*, 40(5), 535–550.

- Grenfell, M. Introdução. In: Grenfell, M. *Pierre Bourdieu: Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.
- Hanquinet, L., Roose, H., & Savage, M. (2014). The Eyes of the Beholder: Aesthetic Preferences and the Remaking of Cultural Capital. *Sociology*, 48(1), 111–132.
- Haynes, J. Nowak, R. (2021). We were never cool: Investigating knowledge production and discourses of cool in the sociology of music. *The British Journal of Sociology*, 72(2), 448-462.
- Hennion, A. (2007). Those Things That Hold Us Together: Taste and Sociology. *Cultural Sociology*, 1(1), 97–114.
- Hennion, A. (2008). Listen!. *Music & Arts in Action*, 1(1), 36-45.
- Hennion, A. & Muecke, S. (2016). From ANT to Pragmatism: A Journey with Bruno Latour at the CSI. *New Literary History*, 47(2), 289-308.
- Latour, B. (2019). *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Editora 34.
- Lyke, A. (2017). Habitus, doxa, and saga: applications of Bourdieu’s theory of practice to organizational history. *Management & Organizational History*, 12(2), 163-173.
- Martin, J. (2018). Ontology matters: a commentary on contribution to cultural historical activity. *Cultural Studies of Science Education*, 13, 639–647.
- Maton, K. Habitus. In: GRENFELL, M. *Pierre Bourdieu: Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.
- Paßmann, J., & Schubert, C. (2020). Liking as taste making: Social media practices as generators of aesthetic valuation and distinction. *New Media & Society*, N/A, 1-17.
- Sieweke, J. (2014). Pierre Bourdieu in management and organization studies: A citation context analysis and discussion of contributions. *Scandinavian Journal of Management*, 30(4), 532-543.